

# JOURNAL OF DEMOCRACY EM PORTUGUÊS

*Volume 11, Número 1, Junho de 2022*

## **A metamorfose social e a democracia**

*Sérgio Abranches*

## **Representação, participação e o futuro da democracia**

*Bruno P. W. Reis*

## **Democracia e neoliberalismo: um encontro fatal**

*Céli Regina Jardim Pinto*

## **Teorias conspiratórias e democracia**

*Bernardo Sorj*

## **O maior temor de Putin**

*Robert Person e Michael McFaul*

## **O renascimento da ordem mundial liberal**

*Lucan Ahmad Way*

## **GOLPE NA TUNÍSIA**

## **A democracia está perdida?**

*Moncef Marzouki*

## **O arco da democracia: do renascimento à ameaça**

*Larry Diamond*

**PLATAFORMA  
DEMOCRÁTICA**

FUNDAÇÃO FHC  
CENTRO EDELSTEIN

[PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG](http://PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG)



JOURNAL OF  
**DEMOCRACY**  
EM PORTUGUÊS

CONSELHO EDITORIAL	Bernardo Sorj Sergio Fausto
TRADUÇÃO	Fabio Storino
REVISÃO TÉCNICA	Otávio Dias Beatriz Kipnis Isabel Penz
DIAGRAMAÇÃO	Lisia Lemes / Lilemes Comunicação

Journal of Democracy em Português, Volume 11,  
Número 1, São Paulo, Junho de 2022  
Plataforma Democrática  
ISSN 2527-1369

**Índice de catálogo sistemático:**

Democracia, Política e Governo, Sociedade, Partidos Políticos, Políticas Públicas.

**© Copyright - Todos os direitos reservados à:**

Fundação Fernando Henrique Cardoso  
Rua Formosa, 367, 6º andar, Centro, São Paulo/SP, CEP: 01049-000  
[www.fundacaofhc.org.br](http://www.fundacaofhc.org.br) • e-mail: [imprensa@fundacaofhc.org.br](mailto:imprensa@fundacaofhc.org.br)

**PLATAFORMA  
DEMOCRÁTICA**  
FUNDAÇÃO FHC  
CENTRO EDELSTEIN  
PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



São Paulo (Sede)  
Rua Formosa, 367, 6º andar - Centro  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 01049-000  
tel: +55 (11) 3359-5000  
[contato@plataformademocratica.org](mailto:contato@plataformademocratica.org)

PERIODICIDADE: Semestral

## Apresentação

Em maio de 2022, o *Journal of Democracy em Português* — uma publicação semestral da Plataforma Democrática, disponível gratuitamente na internet — completou dez anos e, para comemorar a data, preparamos uma edição ampliada composta por oito artigos: quatro deles inéditos, escritos por autores brasileiros, e quatro traduções de textos originalmente publicados na versão em inglês do *Journal*.

O fio condutor dos trabalhos aqui reunidos é a preocupação (e até mesmo a perplexidade) diante dos enormes desafios que a democracia enfrenta em todo o mundo e também no Brasil a esta altura do século 21, e a tentativa de analisá-los e compreendê-los em seus diferentes aspectos em busca de possíveis caminhos para reinventá-la e fortalecê-la.

No primeiro texto inédito, o cientista político Sérgio Abranches interpreta a instabilidade, as incertezas e as contradições de nosso tempo como resultado de uma verdadeira metamorfose das sociedades contemporâneas, nos planos social, científico-tecnológico e ambiental. Aquecimento climático, substituição crescente do trabalho humano por máquinas inteligentes, avanços científicos que estendem a expectativa de vida, ao mesmo tempo que colocam problemas morais inéditos, são grandes desafios que exigem níveis de cooperação, competência e conhecimento não disponíveis mesmo nos países mais avançados.

As democracias, nas quais a palavra é livre e as autoridades sujeitas ao voto, sofrem com o desencanto e o descrédito resultantes da dificuldade que mostra para dar respostas às incertezas, medos e aspirações exacerbadas pela mudança histórica em curso. Mas são elas, e não os regimes fechados e autoritários, ressalta Abranches, as mais aptas a encontrar respostas aos desafios contemporâneos, justamente

porque mais permeáveis ao contraditório e adaptáveis a um futuro em construção.

“Os grandes desafios durante e após a metamorfose continuarão a ser a superação das desigualdades, velhas e novas, o aprofundamento da democracia, a remodelagem das salvaguardas contra a autocracia e a mitigação da mudança climática, que torna o futuro ainda mais incerto. Para enfrentá-los, a sociedade disporá de um novo kit de ferramentas oriundo das mudanças técnicas e comportamentais”, escreve o autor.

No segundo artigo, Bruno P. W. Reis, professor de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, analisa o impacto das profundas mudanças tecnológicas, econômicas e comportamentais em curso nos sistemas de representação e participação política. Sua tese é a de que comete um equívoco quem pensa a representação política como uma infeliz necessidade de sociedades mais complexas, um mal necessário frente à impossibilidade de ter uma democracia direta. O desafio contemporâneo não seria organizar uma espécie de ágora grega baseada nas tecnologias da informação, mas sim reconstruir os canais de representação num momento em que as sociedades se tornam mais individualizadas e fragmentadas — e crescentemente polarizadas — e as chamadas instituições intermediárias — tipicamente os partidos — perdem filiados e densidade programática.

“O quadro contemporâneo tem tido um claro efeito desorganizador sobre a política. Os movimentos que emergem no novo cenário parecem propensos a rejeitar mediações. Isso costuma ser saudado como uma promessa de democracia direta, mas não há razões para otimismo. Em uma paisagem relativamente desprovida de mediações, por mais que as pessoas tenham a sensação de agir livremente, atores com posição mais central nas redes de poder desfrutarão de maiores graus de liberdade para perseguirem seus propósitos e formatarem unilateralmente a agenda política”, alerta Reis.

No terceiro texto, a historiadora e cientista política Céli Regina Jardim Pinto, professora emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aprofunda-se na discussão sobre o esgotamento da relação neoliberalismo-democracia.

“O neoliberalismo não é em essência antidemocrático, entretanto, não consegue se realizar na democracia. A missão dos neoliberais é limitar as lutas por igualdade, pois estas limitam a liberdade de acumular capital. Para alcançar esse objetivo, necessitam combater os avanços civilizatórios, alcançados primeiro pela luta dos operários e seus direitos trabalhistas, depois pelos movimentos feministas, LGBTQIA+, antirracista etc. É disso que se trata, em grande medida, as ameaças à democracia que enfrentamos no século 21”, diz.

No quarto artigo inédito, o sociólogo Bernardo Sorj, diretor do Centro Edelstein de Políticas Sociais e da Plataforma Democrática, analisa o porquê do sucesso das teorias conspiratórias, uma das ameaças à democracia nos dias que correm.

“O que nos interessa ressaltar é o enorme atrativo que as teorias conspiratórias possuem para diversos setores da população, em um duplo movimento que os transforma em vítimas e ao mesmo tempo os empodera. Transforma-os em vítimas, pois os mais diversos mal-estares vividos (epidemias, crises econômicas, novos costumes, desemprego) pelas pessoas ou grupos seriam produto de uma ação intencional de outros grupos identificados como inimigos. E os empodera, pois oferece às ‘vítimas’ um mapa simplificado do mundo e do culpado a ser combatido”, explica.

No quinto texto, os professores norte-americanos Robert Person e Michael McFaul desconstruem a tese de que a expansão da Otan seria o principal motor da crise que levou à invasão da Ucrânia pela Rússia, defendida pelo presidente Vladimir Putin e repetida por analistas, jornalistas e políticos de diversos países e até mesmo dos Estados Unidos e da Europa.

“Putin deseja algo muito mais significativo na Ucrânia: o fim da democracia e o retorno de sua submissão à Rússia. Enquanto os cidadãos em países livres da Eurásia e da Ásia Central insistirem em exercer seus direitos democráticos de eleger seus próprios líderes e trilhar seu próprio caminho, Moscou continuará tentando enfraquecê-los”, afirmam.

No sexto texto, o cientista político canadense Lucan Ahmad Way, professor da Universidade de Toronto, afirma que, embora a Guerra na Ucrânia desperte muitos temores de que o mundo poderia estar à beira de uma época sombria, ao mesmo tempo há evidências consideráveis de que o ataque de Putin às normas internacionais poderia, em última análise, fortalecer a ordem mundial liberal.

“Mais de 60 anos após os horrores da Segunda Guerra Mundial, a invasão lembrou novamente ao mundo o custo humano brutal provocado pela rejeição dos valores liberais. A democracia não é simplesmente um bem abstrato, mas tem implicações importantes para o bem-estar humano. Embora um maior pluralismo possa não gerar maior crescimento econômico ou reduzir os níveis de corrupção, ele permite às sociedades evitar o tipo de violência brutal que vemos hoje na Ucrânia e, cada vez mais, na Rússia”, escreve.

Por que a democratização no mundo árabe parece um processo tão árduo?, pergunta no sétimo artigo o médico e ativista pela democracia e pelos direitos humanos Moncef Marzouki, que foi presidente da Tunísia entre 2011 e 2014, escolhido pela Assembleia Constituinte eleita após a Primavera Árabe neste país do norte da África.

“Perdemos a luta pela democracia? A resposta é sim, mas essa derrota é temporária. A ditadura, seja do tipo militar no Egito ou populista na Tunísia, tem poucas chances de melhorar a situação econômica da população. Além disso, a instauração de um regime democrático, ainda que imperfeito, deixou um gostinho de liberdade entre as gerações mais jovens e setores influentes da sociedade, como jornalistas,

advogados, ativistas da sociedade civil e assim por diante. Devemos apoiá-los com todas as nossas forças. As vidas de nossos concidadãos dependem disso”, defende o ex-presidente. A Tunísia viveu uma inicialmente bem-sucedida transição democrática a partir de 2011, interrompida no ano passado quando o atual presidente Kais Saïd suspendeu o Parlamento e passou a governar por decreto.

Para concluir esta edição comemorativa, traduzimos o artigo de despedida do cientista político Larry Diamond da função de co-editor do *Journal of Democracy*, cargo que ocupou por 32 anos. Segundo o pesquisador da *Hoover Institution (Stanford University)*, vivemos o momento mais sombrio para a liberdade em meio século, motivado por três fenômenos concomitantes: o contínuo e chocante declínio da democracia nos EUA, a emergência da China como nova superpotência global e a aliança entre a autocracia e a cleptocracia na Rússia de Putin.

“Tenho fé nas perspectivas de longo prazo da democracia, porque é um sistema moralmente superior e porque provou ao longo do tempo ser mais efetivo em atender as necessidades humanas. Mas não há nada de inevitável quanto ao triunfo da democracia. Serão as democracias do mundo capazes de gerir suas divisões e encarar o desafio colocado pelo autoritarismo ressurgente? Apenas um reconhecimento lúcido da profundidade do perigo atual será capaz de produzir a vontade necessária. Continuo otimista”, diz.

Boa leitura.

Bernardo Sorj e Sergio Fausto

*Diretores de Plataforma Democrática*

# O renascimento da ordem mundial liberal?

*Lucan Ahmad Way*

*Lucan Ahmad Way é professor de Ciência Política da Universidade de Toronto. É coautor (com Steven Levitsky) de Revolution and Dictatorship: The Violent Origins of Authoritarian Durability [Revolução e ditadura: as origens violentas da persistência autoritária], com lançamento previsto para 2022.*

Enquanto mísseis russos bombardeavam Kiev na noite de quinta-feira, 24 de fevereiro de 2022<sup>1</sup>, o mundo parecia estar à beira de uma era sombria. Muitos estavam preocupados não apenas com a Ucrânia, mas com a segurança da Europa. Será que o ataque não provocado de Vladimir Putin inspiraria agressões similares vindas de outras potências autoritárias contra vizinhos democráticos vulneráveis? Será que a China aproveitaria o momento para avançar sobre Taiwan? Será que entraremos em um período de governos autoritários expansionistas? Tais cenários ainda podem se concretizar. Independentemente do que vier a acontecer, o brutal ataque da Rússia contra a Ucrânia já gerou uma das piores catástrofes humanitárias na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

Ao mesmo tempo, há evidências consideráveis de que o ataque de Putin às normas internacionais poderia, em última análise, fortalecer

---

1. Nota do editor brasileiro: Nas primeiras horas de 24 de fevereiro, a Rússia iniciou a guerra na Ucrânia que, no momento do fechamento desta edição do Journal em Português, já completou cem dias, sem previsão de término.

\*Publicado originalmente como “The Rebirth of the Liberal Order?”, *Journal of Democracy* Volume 33, Number 2 April 2022 © 2022 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.



a ordem mundial liberal. Até o momento, isso produziu uma resposta unificada e robusta das democracias ocidentais, muitas das quais vêm sofrendo significativas disfunções e ameaças autoritárias constantes há mais de uma década. A guerra também tem saído muito mais cara para a Rússia do que Putin esperava — tanto no campo de batalha quanto como resultado de sanções ocidentais sem precedentes. A invasão certamente enfraquecerá o poder geopolítico russo, envolvendo o país em um atoleiro infrutífero e sangrento, evidenciando os limites de seu poderio militar e reduzindo no futuro a dependência da Europa do fornecimento de energia da Rússia. Por fim, é provável que a guerra semeie divisões internas na frágil coalizão de Estados autoritários que surgiu no início do século 21 para combater o avanço da democracia.

A invasão russa à Ucrânia acontece após mais de uma década de graves — mas, muitas vezes, sutis e ambíguos — ataques à democracia. Em primeiro lugar, populistas autoritários na Europa e nos Estados Unidos emergiram de dentro de sistemas democráticos. Na maior parte das vezes, evitaram atacar a democracia diretamente, seja por meio de golpes militares, violações explícitas a liberdades civis ou (com a notável exceção de Donald Trump, na disputa presidencial dos Estados Unidos, em 2020) tentativas de roubar eleições. Em vez disso, o principal desafio à democracia ocidental veio através de esforços menos visíveis para politizar as burocracias estatais e infiltrar meios de comunicação previamente independentes.

Viktor Orban, na Hungria, e o partido Lei e Justiça, na Polônia, não prenderam opositores ou tentaram roubar eleições. Em vez disso, aparelharam as burocracias estatais, inundando-as de pessoas fiéis ao regime. Esses governos não prenderam jornalistas, mas conseguiram silenciá-los, ajudando aliados a assumir o controle das empresas de mídia. O uso predominante de medidas não violentas e ostensivamente legais para monopolizar o controle político tem ofuscado o ataque que fazem à democracia. Foram necessários oito anos de abuso au-

toritário por parte de Orban para que a Freedom House deixasse de classificar a Hungria como “livre”. E, apesar da significativa erosão das normas democráticas na Polônia, atualmente a Freedom House ainda classifica esse país como “livre”.

De modo similar, os esforços chineses e russos para influenciar outros regimes também têm sido ambíguos, mais focados em piorar a qualidade da democracia do que em desmantelá-la por completo. A guerra de informações russa, que teve como alvo inúmeras eleições democráticas ocidentais desde 2014, tem se destinado principalmente a alimentar o tribalismo e a polarização em vez de atacar diretamente as instituições democráticas.<sup>1</sup> Nas antigas repúblicas soviéticas, as táticas russas têm sido variadas. Sob o comando do presidente Vladimir Putin, nos anos 2000 a Rússia trabalhou nos bastidores para apoiar autocratas pró-Rússia, como Viktor Yanukovych, na Ucrânia, por um lado, mas também para minar autocratas hostis à Rússia na Geórgia e no Quirguistão, por outro. No início da década de 1990, sob o comando do predecessor de Putin, Boris Yeltsin, o governo russo não teve problemas em apoiar a oposição democrática pró-Rússia na Ucrânia.

Até recentemente, os ataques mais graves da Rússia à ordem liberal envolveram as invasões da Abcásia e da Ossétia do Sul na Geórgia, em 2008, e da Crimeia na Ucrânia, em 2014. Esses ataques, no entanto, atingiram áreas distantes do centro da Europa e não pareciam ameaçar os principais interesses ocidentais. Além disso, o sentimento pró-Rússia já era alto nessas regiões, de modo que Putin poderia afirmar de maneira plausível que as incursões russas eram apoiadas por parcelas significativas das populações locais. Além disso, na Crimeia, o envolvimento da Rússia foi inicialmente dissimulado e empregou pouca violência. A invasão de 2014 foi realizada por “homenzinhos verdes” sem insígnias militares em seus uniformes. Segundo alguns analistas, essa operação inaugurou uma guerra “híbrida”, que dependia menos das forças convencionais e muito mais do “uso extensivo

e bem coordenado da inteligência, da guerra psicológica, da intimidação, do suborno e da propaganda na internet/mídia”.<sup>2</sup>

A última década, portanto, foi um período de mal-estar democrático. Embora o mundo permaneça muito mais democrático do que era durante a Guerra Fria,<sup>3</sup> os autocratas foram proativos e causaram danos reais a democracias relativamente consolidadas, como a Hungria, a Índia e, de maneira mais significativa, os Estados Unidos. Os ataques ao pluralismo, no entanto, têm sido confusos, fragmentados e graduais. Até agora, temos testemunhado uma invasão lenta, não um ataque total.

### **Uma resposta tímida**

O caráter ambíguo ou aparentemente discreto das ameaças ao liberalismo produziu uma reação limitada do Ocidente. Primeiro, o uso, por Orbán, de ataques tecnicamente lícitos à democracia húngara ajudou-o a limitar a pressão vinda da União Europeia. Por anos, membros do Partido Popular Europeu (PPE) — aliados da Hungria no Parlamento Europeu, incluindo a então chanceler alemã Angela Merkel (2005–21) — evitaram criticar abertamente Orbán e pouparam seu governo de punição por seu comportamento autoritário.<sup>4</sup> O PPE suspendeu Orbán apenas em 2019, e só conseguiu mobilizar apoio suficiente para expulsar seu partido, o Fidesz, em 2021. (Antes que pudesse ser expulso, Orbán deixou o PPE.)

De maneira similar, as sanções impostas à Rússia após a invasão da Crimeia tiveram impacto limitado na economia russa e não ameaçaram de maneira significativa os interesses de sua elite.<sup>5</sup> A invasão não foi o suficiente para suspender o apoio europeu ao gasoduto Nord Stream 2, da empresa estatal russa Gazprom, que levaria gás natural da Rússia à Alemanha. Da mesma forma, a interferência da Rússia nas eleições americanas de 2016 acarretaram poucas sanções.

A capacidade da Europa de responder à ameaça russa foi dificultada pela profunda integração da Rússia na economia e na sociedade europeias após a Guerra Fria. Embora o comércio com a Europa tenha diminuído após a invasão da Crimeia, ainda representava quase 40% do comércio exterior russo em 2020.<sup>6</sup> No ano passado, a Rússia foi o quinto maior importador de mercadorias da UE e o terceiro maior exportador de mercadorias para a UE.<sup>7</sup> Os bancos russos também estavam profundamente integrados ao sistema financeiro global. Mais importante, a Europa é extremamente dependente da energia russa — especialmente a Finlândia, a França, a Alemanha, a Hungria, a Itália e a Polônia. Em 2020, a região dependia da Rússia para cerca de um terço de sua energia. Antes da invasão da Ucrânia por Putin, um dos maiores parceiros comerciais da Rússia era a Alemanha, que importava 55% de seu gás da Rússia.<sup>8</sup>

Além disso, desde o colapso soviético, russos abastados têm migrado para a Europa. Londres, em particular, tornou-se um destino atraente para oligarcas russos devido ao seu setor financeiro desenvolvido (com pouca regulação), bom sistema educacional e comércio atraente. Nos últimos seis anos, imóveis britânicos no valor de 2 bilhões de dólares foram comprados por cidadãos russos acusados de corrupção ou de ter ligações com o Kremlin.<sup>9</sup>

A crença de que o aumento da integração incentivaria o país a se liberalizar ainda mais, à medida que sua economia se tornasse mais dependente das democracias ocidentais, foi um motor para o fortalecimento dos laços econômicos do Ocidente com a Rússia. Essas teorias otimistas de integração, no entanto, não consideraram que a ligação econômica também poderia dificultar os esforços de responsabilização da Rússia por abusos. Como apontam Patricia Cohen e Stanley Reed no *New York Times*, “o lado negativo do interesse mútuo é o sofrimento mútuo”. Essa realidade reduziu o apetite da Europa por sanções.<sup>10</sup> De fato, o regime de Putin foi capaz de cravar suas garras em partes da

elite europeia — um fenômeno bem ilustrado pelo ex-chanceler alemão Gerhard Schroeder (1998-2005), que uma vez chamou Putin de “democrata impecável”.<sup>11</sup> Schroeder ocupa um cargo de liderança na companhia petrolífera estatal russa Rosneft, que sofreu sanções após a invasão da Crimeia. Um constante lobista pelos interesses da Rússia na Europa, o ex-chanceler foi recentemente indicado para compor o conselho da Gazprom.

Putin também estreitou os laços com autocratas na Sérvia e Hungria. O governo russo tem sido um fiel aliado da Sérvia — opondo-se ao bombardeio da Otan em 1999 e rejeitando a independência do Kosovo em 2008. Orban também possui relações estreitas com Putin. Recentemente, a Rússia fez acordos com os dois países para manter baixos os preços de sua energia.<sup>12</sup>

Por fim, uma resposta efetiva aos ataques ao liberalismo tem sido dificultada pela desmoralização e pela disfunção interna do Ocidente. A Guerra do Iraque (2003-11) lançou dúvidas sobre a promoção da democracia pelo Ocidente aos olhos de muitos, enquanto a crise financeira de 2008 e a crise da dívida europeia de 2009 revelaram problemas fundamentais nas economias ocidentais e nas estruturas de governança. A União Europeia ficou altamente dividida após a decisão do Reino Unido de deixar o bloco. As difíceis relações entre o Reino Unido e a UE vêm consumindo a política europeia desde 2016. A situação foi ainda pior nos Estados Unidos, que se tornaram cada vez mais polarizados. Em vez de promover a democracia no exterior, repetidas vezes o presidente Trump elogiou líderes autoritários.<sup>13</sup>

Essa disfunção, argumenta G. John Ikenberry, pode estar parcialmente ligada a uma “crise de sucesso” após o colapso do comunismo. Ikenberry sugere que a ausência de uma ameaça existencial comum enfraqueceu a coesão dentro do Ocidente liberal e criou condições para a fragmentação e a ascensão de políticos como Trump e Orban, que questionam abertamente a ordem liberal internacional.<sup>14</sup> Os hor-

rores da Segunda Guerra Mundial, que motivaram uma geração de europeus a se unirem para dominar as forças da autocracia e do nacionalismo, tornaram-se uma memória distante. Embora os desafios ao liberalismo e à democracia tenham sido muito reais, eles não têm a clareza que reinou durante a Guerra Fria. As ameaças se apresentam lentamente — com perigos muito sutis e graduais para motivar uma resposta democrática concertada e unificada.

### **A investida russa contra a ordem liberal**

Tudo isso mudou em 24 de fevereiro de 2022. Dois fatores fizeram da invasão russa um divisor de águas na batalha da Europa pela democracia: a forte clareza moral da causa da Ucrânia e a ameaça existencial à segurança representada por uma Rússia beligerante. Poucos conflitos na história recente foram tão “preto no branco”. Nas semanas que antecederam a invasão, vários analistas ecoavam o argumento de Putin de que a agressão contra a Ucrânia era um produto da expansão da Otan.<sup>15</sup> Embora a ocupação russa da Crimeia já houvesse efetivamente tirado da agenda a adesão da Ucrânia à Otan, Putin foi inicialmente bem-sucedido ao explorar as discordâncias de alguns analistas internacionais em relação às políticas e à expansão da Otan. Este enquadramento, no entanto, não sobreviveu à invasão. Em um discurso poucos dias antes do ataque, Putin referiu-se à Ucrânia em termos nitidamente imperialistas, descrevendo-a como uma nação “inteiramente criada pela Rússia”.<sup>16</sup> Diferentemente de episódios anteriores, o envolvimento russo tem sido transparente, e seu objetivo — substituir um governo democraticamente eleito por um regime fantoche —, óbvia e brutalmente autocrático.

Os violentos ataques da Rússia contra alvos civis, incluindo uma maternidade em Mariupol em 9 de março, aumentaram ainda mais a indignação internacional. Nas duas primeiras semanas da guerra, a

Rússia lançou diariamente mais de cinquenta ataques de mísseis contra a Ucrânia. O impacto dessas ações foi amplificado pelos ataques russos a uma sociedade aberta onde vivem muitos jornalistas ocidentais. Em contraste com as ações militares russas na Chechênia em 1999-2000 e na Síria a partir de 2015, quase todas as atrocidades militares na Ucrânia foram e serão extensivamente documentadas pela mídia internacional. Por fim, a bravura incomparável do presidente ucraniano Volodimir Zelenski e seus habilidosos apelos ao público interno e externo, aprimorados por anos em sua carreira na televisão, ajudaram a unificar os ucranianos e a maior parte do mundo contra a Rússia. Sua corajosa decisão de permanecer em Kiev ajudou a inspirar políticos europeus e o público em geral a fazer os sacrifícios necessários para punir a Rússia.

O desrespeito da Rússia às normas de soberania internacional também provocou intensos temores pela segurança europeia. Em um discurso na véspera da invasão russa, Putin atacou explicitamente “todo o sistema de relações internacionais” e lembrou ao mundo que “a Rússia continua sendo uma das mais poderosas potências nucleares”.<sup>17</sup> Por sua vez, muitos líderes europeus focaram nos perigos iminentes que Putin representa. Após a invasão, o chanceler alemão Olaf Scholz argumentou que “ao atacar a Ucrânia, Putin não quer apenas erradicar um país do mapa mundial, ele está destruindo a estrutura de segurança europeia que temos em vigor desde Helsinque”.<sup>18</sup> O ataque de Putin cutucou uma ferida de uma parte do mundo que sofreu repetidas vezes agressão militar russa e soviética desde a Segunda Guerra Mundial, incluindo as invasões da Hungria em 1956 e da Tchecoslováquia em 1968.

Em nítido contraste com as ações russas de 2008 e 2014, não houve nada ambíguo ou particularmente “híbrido” no atual ataque convencional massivo a um dos maiores países da Europa. Além disso, enquanto as incursões militares russas anteriores tinham como alvo

regiões distantes do centro europeu, a invasão da Rússia aconteceu bem na porta da Otan. Esse fato — juntamente com a enorme escala da invasão — tem evidenciado uma ameaça muito mais explícita à segurança europeia do que qualquer coisa que a Rússia tenha feito desde o fim do império soviético.

### **Uma resposta unificada**

A combinação de clareza moral e perigo existencial provou-se potente o suficiente para motivar as potências europeias a agir, marcando uma profunda mudança em suas políticas em relação à Rússia. Dias após a invasão, uma UE até então morosa e fragmentada respondeu com um conjunto de medidas que representavam o maior pacote de sanções já impostas a um único país. Uma semana após a invasão, a UE — juntamente com os Estados Unidos — havia instituído o equivalente financeiro à política de “choque e pavor” (*shock and awe*). Diversos bancos russos e, posteriormente, os bielorrussos, tiveram acesso negado ao sistema Swift de transações financeiras, uma medida que isolou drasticamente a economia russa. A UE e os Estados Unidos também proibiram a realização de transações com o Banco Central russo, o que impossibilitou o governo russo de acessar uma parte significativa das reservas financeiras que o país havia acumulado para reduzir o impacto das sanções internacionais.

Os Estados Unidos, a UE e o Canadá impuseram sanções individuais contra Putin, o ministro russo das Relações Exteriores, Sergei Lavrov, e centenas de membros das elites bielorrussa e russa. Por sua vez, centenas de empresas estrangeiras começaram a deixar a Rússia — incluindo empresas de energia (BP, Exxon Mobil, Shell), mídia (Walt Disney), serviços financeiros (Citigroup, Deutsche Bank, Goldman Sachs, Western Union), manufatura (Caterpillar) e de viagens e logística (Hyatt, UPS, várias companhias aéreas), além de grandes



redes internacionais, como Ikea, McDonald's e Starbucks. Empresas ocidentais que há muito eram parte integrante da vida da classe média russa, de repente, cessaram suas operações.<sup>19</sup> Antes da invasão, Moscou parecia uma próspera cidade europeia. Em apenas algumas semanas, a invasão ameaçou desfazer décadas de progresso econômico.

A mudança de postura da UE refletiu as rápidas mudanças desencadeadas pela invasão ocorridas no interior dos países europeus. A transformação mais importante e radical ocorreu na Alemanha, que, historicamente, tinha laços estreitos com a Rússia e um compromisso de longa data com o pacifismo desde a Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, o governo alemão parecia relutante em fornecer apoio significativo à Ucrânia. Antes da invasão, Berlim se ofereceu para enviar cinco mil capacetes — o que levou o prefeito de Kiev a perguntar se o governo alemão também forneceria travesseiros.<sup>20</sup> Posteriormente, a Alemanha paralisou o oleoduto Nord Stream 2 entre a Rússia e a Alemanha, em 22 de fevereiro. Então, três dias após o início da invasão, o Bundestag (parlamento alemão) reuniu-se em sessão extraordinária num domingo, dando início a uma transformação fundamental do papel da Alemanha no mundo. Com bandeiras ucranianas tremulando do lado de fora do Reichstag, o chanceler Scholz anunciou que a Alemanha imporá severas sanções à Rússia e forneceria armamento pesado à Ucrânia. Citando a “falta de escrúpulos de Putin, a flagrante injustiça e a dor dos ucranianos”, bem como os esforços de Putin “para criar uma nova ordem na Europa”, o governo de Scholz concordou em enviar à Ucrânia mil armas antitanque e quinhentos mísseis terra-áreo do arsenal militar alemão o mais rápido possível, e ampliar em 100 bilhões de euros os gastos militares do país, o que tornaria a Alemanha o terceiro país com maior gasto com defesa do mundo.<sup>21</sup>

Transformações semelhantes aconteceram por toda a Europa. Historicamente neutros, a Finlândia e a Suécia decidiram fornecer armamento pesado à Ucrânia e anunciaram planos para aumentar os gastos

com defesa.<sup>2</sup> A Itália, que é fortemente dependente da energia russa, saiu em apoio às sanções, apesar do fato de que três dos partidos da coalizão governista haviam anteriormente tentado estabelecer laços mais estreitos com Moscou.<sup>22</sup> Pouco depois da invasão, o governo italiano apreendeu casas de campo e iates de cinco oligarcas russos avaliados em 143 milhões de euros. Enquanto isso, o primeiro-ministro britânico Boris Johnson congelou os ativos de inúmeros oligarcas russos e pediu a tramitação em regime de urgência de legislação mirando a lavagem de dinheiro russo. Por fim, a Suíça, que permaneceu neutra durante a Segunda Guerra Mundial, adotou sanções da UE e congelou os ativos russos no país.

Essa resposta ocidental unificada teve um impacto importante na trajetória da guerra. Os militares ucranianos beneficiaram-se significativamente das armas fornecidas pela Europa e pelos Estados Unidos. A corajosa e eficaz resistência dos ucranianos e o apoio militar ocidental permitiram que o país oferecesse resistência a um exército muito maior e mais bem equipado por muito mais tempo do que seria esperado. Ao mesmo tempo, as sanções inéditas tiveram um impacto rápido e profundo na economia russa. O mercado de ações da Rússia fechou com receio de um movimento de venda em massa. Em meados de março, o valor do rublo russo caiu 50%. No geral, estimava-se que as sanções causariam uma “gigantesca e transformadora crise” na economia russa, com uma contração projetada de 15% em 2022 — um declínio que eliminaria cerca de um terço do crescimento econômico ocorrido desde que Putin assumiu o poder em 1999.<sup>23</sup> Isso poderia minar uma importante fonte de apoio público a Putin, cujos altos índices de aprovação apoiavam-se na percepção de que ele fora responsável pela recuperação da economia russa após o colapso econômico da década de 1990.

---

2. Nota do editor brasileiro: Em 18 de maio, a Finlândia e a Suécia entregaram oficialmente o pedido de adesão à Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

Cabe aqui uma advertência. Se a guerra continuar, o Ocidente terá dificuldade para sustentar uma resposta unificada a longo prazo. Trata-se de uma maratona, não de uma corrida de cem metros rasos. Manter uma frente unida não será fácil. Quando passar o choque da agressão russa, é provável que os europeus se tornem menos dispostos a fazer sacrifícios econômicos. Além disso, o enorme fluxo de refugiados ucranianos certamente afetará o cenário político europeu. Orçamentos sobrecarregados e temores populares da concorrência ucraniana por empregos e programas sociais testarão os limites da generosidade europeia em relação aos refugiados. No entanto, a resposta ocidental à invasão tem sido muito mais unificada e significativa do que se esperava. Esta frente unida poderia ser sustentada pelas atrocidades russas contínuas na Ucrânia, bem como pela endêmica ameaça de segurança representada por um exército russo beligerante.

### **Rachaduras na Internacional Autoritária?**

Além de unificar as forças democráticas, a invasão russa também tem o potencial de enfraquecer a “internacional autoritária” — um termo cunhado pelo finado estudioso bielorrusso Vitali Silitski para descrever a frágil aliança e coordenação entre as diversas autocracias para combater as ameaças democráticas.<sup>24</sup> Essa coordenação e cooperação inclui o compartilhamento de ferramentas legais para reprimir a sociedade civil, apoio diplomático, assistência militar e acesso privilegiado à energia russa.<sup>25</sup> Em janeiro de 2022, por exemplo, o governo de Putin enviou tropas ao Cazaquistão para apoiar o presidente Jomart Tokayev diante de protestos em massa. O núcleo central dessa internacional autoritária é a aliança entre Xi Jinping e Putin, que anunciaram sua “amizade sem limites” durante as Olimpíadas de Pequim em fevereiro de 2022. A aliança informal também inclui autocratas em pequenas nações não democráticas como Belarus, Cazaquistão, Hungria, Irã, Mianmar e Sérvia.

Até o momento, os aliados autoritários da Rússia em grande medida vêm apoiando Putin. Em meados de março, havia poucos sinais claros de cisão entre Xi e Putin. Mianmar expressou seu apoio à invasão, e o presidente sérvio Aleksandar Vucic evitou sancionar a Rússia, em grande parte por conta da popularidade esmagadora de Putin entre os sérvios. Orban também resistiu firmemente aos apelos para que fornecesse armamento pesado à Ucrânia ou permitisse que as armas passassem pela Hungria.

No entanto, há sinais de que a coalizão autoritária esteja se enfraquecendo. A invasão colocou Orban em uma situação particularmente difícil, dada a dependência da Hungria da assistência financeira da UE e a própria experiência do país com a invasão soviética em 1956. Orban foi forçado a dar uma “guinada de 180 graus” em várias questões-chave.<sup>26</sup> Ele condenou a invasão e se absteve de vetar as sanções da UE contra a Rússia — preservando, assim, a unanimidade europeia sobre a questão. Também reverteu suas recentes políticas rígidas de imigração, aceitando cerca de cem mil refugiados ucranianos na semana posterior à invasão. Além disso, Hungria, Mianmar e Sérvia votaram a favor da resolução da ONU de 2 de março exigindo o fim da invasão russa. Apesar do apoio militar de Putin ao presidente cazaquistânês apenas semanas antes da invasão russa, até aqui Tokayev recusou-se a apoiar abertamente a ação da Rússia, abstendo-se de votar. Ao todo, a condenação da ONU foi apoiada por 140 países, com apenas cinco Estados — Belarus, Coreia do Norte, Eritréia, Rússia e Síria — votando contra e 34 abstendo-se.

A grande dúvida continua sendo até que ponto a China continuará a apoiar a Rússia.

---

***“Mais de sessenta anos após os horrores da Segunda Guerra Mundial terem inspirado a criação da União Europeia, a invasão lembrou novamente ao mundo o custo humano brutal provocado pela rejeição dos valores liberais.”***

---

Há poucas evidências até o momento de que a China tenha se afastado dessa aliança, mas há dúvidas do quanto ela estará disposta a sacrificar em apoio à Rússia, cujo PIB é de apenas US\$ 1,5 trilhão, contra Estados Unidos, Canadá e UE, cujas economias combinadas totalizam mais de US\$ 35 trilhões. De fato, nas primeiras semanas após a invasão, a China evitou dar à Rússia seu apoio irrestrito. Ela se absteve na votação da ONU, condenando a Rússia em vez de se opor à resolução, e se recusou, de maneira alinhada às sanções do Ocidente, a fornecer peças sobressalentes às companhias aéreas russas.<sup>27</sup> Em 11 de março, o primeiro-ministro chinês Li Keqiang chamou a situação na Ucrânia de “desconcertante” e apoiou as negociações de cessar-fogo. O compromisso chinês com a aliança com a Rússia dependerá em grande medida do resultado do debate aparentemente em curso no seio da elite chinesa.

É provável que a invasão desencoraje outros de seguir os passos de Putin. As dificuldades da Rússia e a reação internacional provavelmente tornaram menos provável que a China tente absorver Taiwan no curto prazo. Em vez de aumentar uma nova era de expansão militar autoritária, é provável que a invasão coloque governos autocráticos na defensiva.

Por fim, a guerra quase certamente enfraquecerá o poder geopolítico da Rússia. As pesadas perdas militares sofridas pela Rússia e sua inesperada dificuldade de avançar sobre o território ucraniano prejudicaram significativamente a reputação das forças armadas russas. Mesmo no caso de uma vitória militar russa, é provável que a Rússia fique atolada em uma luta armada interminável, dificultada pela intensa resistência ucraniana, pelo apoio dos países aliados na fronteira ocidental da Ucrânia e pela enorme dimensão do país. Além disso, as medidas europeias para reduzir a dependência da energia russa afetarão uma importante fonte de influência russa na região.<sup>28</sup> No espaço de uma semana, a invasão transformou a Rússia em um Estado pária

e fortaleceu o Ocidente. Como argumentou David Von Drehle: “Nada é melhor para os Estados Unidos do que o estrondo dos tanques russos”.<sup>29</sup>

A guerra também poderá isolar Putin dentro da própria Rússia. O controle de Putin sobre a mídia e o tratamento cada vez mais severo de qualquer forma de dissidência têm limitado a disseminação de informações negativas sobre a guerra. Se as sanções forem consideradas uma agressão ocidental, podem até mesmo aumentar a popularidade de Putin ou, pelo menos, atenuar seu impacto político negativo por algum tempo. Mas vários fatores tornarão mais difícil para o governo controlar a opinião pública. Em primeiro lugar, o fato de muitos russos terem parentes na Ucrânia lhes dá fontes diretas de informação sobre a guerra que estão fora do controle dos censores do governo. Em segundo lugar, a forte concentração de jornalistas ocidentais na Ucrânia significa que as informações sobre a guerra serão incrivelmente fáceis de encontrar, mesmo em buscas rápidas online. A Rússia tem sido uma sociedade muito mais aberta do que a China. Será difícil para Putin suprimir por completo as informações sobre a progressão da guerra. Terceiro e mais significativo, o governo não será capaz de encobrir as mortes dos soldados russos indefinidamente. Tais baixas quase certamente diminuirão o apoio à guerra. Uma crise econômica e o enfraquecimento do poder geopolítico da Rússia poderão minar duas das mais importantes fontes de popularidade de Putin nos últimos vinte anos.

## **O futuro da democracia após a invasão russa**

Após mais de uma década de mal-estar democrático, a invasão enfraqueceu o status global da Rússia e produziu um grau de unidade sem precedentes no mundo liberal, impulsionado tanto pela afronta moral quanto pelas ameaças existenciais à segurança. Mas o que tudo

isso significa para o futuro da democracia? As ameaças à segurança e a indignação moral não melhoraram a democracia após os atentados de 11 de setembro de 2001. Além disso, durante a Guerra Fria, as ameaças de segurança soviéticas muitas vezes minaram o desenvolvimento democrático, ao encorajar o apoio a ditadores anticomunistas na África, na Ásia e na América Latina. Vale ressaltar, também, que o conflito é ainda muito recente. A trajetória militar da guerra poderia facilmente mudar em favor da Rússia. Além disso, a dupla tensão do fluxo massivo de refugiados ucranianos e a dor econômica europeia criada pelas sanções poderia testar a unidade ocidental e produzir uma nova fonte de populismo.

No entanto, há várias razões para considerarmos que o novo contexto fortalecerá a democracia na Europa e talvez em outros lugares. Primeiro, a Guerra Fria motivou investimentos em instituições liberais transnacionais, como a União Europeia, que, por sua vez, tornou-se um motor para a difusão da democracia na Espanha e na Grécia.<sup>30</sup> O conflito atual é igualmente capaz de encorajar um maior compromisso com o projeto europeu. Além disso, em contraste com o 11 de setembro, a invasão traçou linhas de batalha entre a Rússia autoritária de um lado e uma comunidade de Estados democráticos apoiando a democracia em risco da Ucrânia do outro. O conflito pode tornar mais difícil para os líderes europeus tolerar Orban e outros autocratas na União Europeia. A invasão da Rússia não só aumentou a consciência dos perigos gerados pelo nacionalismo e pelo iliberalismo, mas também os associou a uma ameaça existencial mais ampla representada pela autocracia russa à segurança europeia. É pouco provável que esta ameaça diminua tão cedo. O aumento do risco do que está em jogo tornará mais custoso para políticos como Trump ou Orban condenar impunemente a ordem liberal internacional.

Mais de sessenta anos após os horrores da Segunda Guerra Mundial terem inspirado a criação da União Europeia, a invasão lembrou

novamente ao mundo o custo humano brutal provocado pela rejeição dos valores liberais. A democracia não é simplesmente um bem abstrato, mas tem implicações importantes para o bem-estar humano. Embora um maior pluralismo possa não gerar maior crescimento econômico ou reduzir os níveis de corrupção, ele permite às sociedades evitar o tipo de violência brutal que vemos hoje na Ucrânia e, cada vez mais, na Rússia.

O conflito também pode facilitar o desenvolvimento liberal ao fragmentar a internacional autoritária e minar drasticamente a atratividade do caminho russo. Mesmo que a Rússia obtenha uma vitória militar na Ucrânia, é provável que o país tenha muito menos recursos para projetar sua influência no exterior. O *putinismo* não será visto como um modelo viável nem para construir uma sociedade próspera nem para gerar uma autocracia estável. Não importa o que o futuro nos reserve, essa invasão injusta e não provocada tem sido catastrófica para a Ucrânia e seu povo. Ainda assim, há uma possibilidade de que o projeto liberal global possa emergir dessa escuridão mais forte e revigorado do que antes.



## Notas

1. Lucan Ahmad Way e Adam Casey, “Is Russia a Threat to Western Democracy? Russian Intervention in Foreign Elections, 1991–2017”. Nota de conferência, Universidade de Stanford, nov. 2017. Disponível em: <<https://fsi.stanford.edu/global-populisms/publication/russia-threat-western-democracy-russian-intervention-foreign-elections-1991-2017>>.

2. Tony Balasevicius, “Looking for Little Green Men: Understanding Russia’s Employment of Hybrid Warfare”. *Canadian Military Journal*, v. 17, n. 3, verão 2017. Disponível em: <<http://www.journal.forces.gc.ca/Vol17/no3/page17-eng.asp>>.

3. De acordo com os dados de 2021 do V-Dem, 50% dos países são democracias liberais ou eleitorais — contra 28% em 1985. A Freedom House começou a notar declínios anuais consecutivos na liberdade global em 2006, quando, segundo seus números, 47% do mundo era “livre” (democrático). Em 2021, 43% dos países são “livres”.

4. Dalibor Rohac, “How the European Parliament Entrenched the Region’s Autocrats”. *Foreign Policy*, 5 fev. 2021. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2021/02/05/how-the-european-parliament-entrenched-the-regions-autocrats>>; Patrick Kingsley, “E.U.’s Leadership Seeks to Contain Hungary’s Orban”. *New York Times*, 11 set. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/09/11/world/europe/viktor-orban-european-peoples-party.html>>.

5. Ilya Kusa, “Sanctions Against Russia: Rethinking the West’s Approach”. *Blog Focus Ukraine*, 13 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/blog-post/sanctions-against-russia-rethinking-west-approach>>.

6. Alexander Gabuev, “As Russia and China Draw Closer, Europe Watches with Foreboding”. *Carnegie Moscow Center*, 19 mar. 2021.

7. Eurostat, “Russia-EU – International Trade in Goods Statistics”. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Russia-EU\\_%E2%80%93\\_international\\_trade\\_in\\_goods\\_statistics](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Russia-EU_%E2%80%93_international_trade_in_goods_statistics)>.

8. Kerstine Appunn, “Q&A: How Could Germany and the EU Weather a Fossil Fuel Embargo on Russia?”. *Clean Energy Wire*, 11 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.cleanenergywire.org/news/qa-how-could-germany-and-eu-weather-fossil-fuel-embargo-russia>>.

9. “U.K. Crackdown on Russian Oligarchs May Spell the End for ‘Londograd’”. *NBC News*, 5 mar. 2022.

10. Patricia Cohen e Stanley Reed, “Why the Toughest Sanctions on Russia Are the Hardest for Europe to Wield”. *New York Times*, 25 fev. 2022.

11. “Why Putin’s Pal, Germany’s Ex-Chancellor Schroeder, Isn’t On A Sanctions List”. NPR, 18 abr. 2018.

12. Milica Stojanovic, “Serbia President Hails ‘Incredible’ Gas Deal With Russia”. *Balkan Insight*, 25 nov. 2021. Disponível em: <<https://balkaninsight.com/2021/11/25/serbia-president-hails-incrediblegas-deal-with-russia>>; “PM Orbán: With Russian Gas, Utility Bills Can Be Kept Low”. *Hungary Today*, 2 fev. 2022.

13. “15 Times Donald Trump Praised Authoritarian Rulers”. CNN, 2 jul. 2019.

14. G. John Ikenberry. *A World Safe for Democracy: Liberal Internationalism and the Crises of Global Order*. New Haven, CT (EUA): Yale University Press, 2020, p. 258.

15. “The New Doves on Ukraine”. *New Yorker*, 11 fev. 2022. Robert Person e Michael McFaul, “What Putin Fears Most”. *Journal of Democracy*, v. 33, n. 2 (abr. 2022). [Ed. bras.: O maior medo de Putin. *Journal of Democracy em português*, v. XX, n. XX, 2022.]

16. “‘Modern Ukraine was Entirely Created by Russia,’ Says Putin”. *Reuters*, 23 fev. 2022.

17. “Transcript: Vladimir Putin’s Televised Address on Ukraine”. *Bloomberg*, 24 fev. 2022.

18. “German Chancellor Olaf Scholz Announces Paradigm Change in Response to Ukraine Invasion”. *Deutsche Welle*, 27 fev. 2022.

19. “Here Are Some of the Companies That Have Pledged to Stop Business in Russia”. *New York Times*, 15 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/article/russia-invasioncompanies.html>>.

20. “Ex-German Chancellor Schroeder’s Russia Ties Cast a Shadow over Scholz’s Trip to Moscow”. *France24*, 15 fev. 2022.

21. “German Chancellor Olaf Scholz Announces Paradigm Change in Response to Ukraine Invasion”. *Deutsche Welle*, 27 fev. 2022; “Germany’s Historic Defense Budget Growth Makes Them the Third Largest Global Military Spender with an Annual Budget of \$83.5 Billion by 2024, Says GlobalData”. 28 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.globaldata.com/germanys-historic-defense-budget-growth-makes-third-largest-global-military-spender-annual-budget-83-5-billion-2024-says-globaldata>>.

22. Teresa Coratella, “Italy’s Challenging Divorce from Russia”. European Council on Foreign Relations, 9 mar. 2022. Disponível em: <<https://ecfr.eu/article/italys-challenging-divorce-fromrussia>>.

23. “Putin Threatens Takeover of Western Companies”. *New York Times*, 11 mar. 2022. Os dados de crescimento do PIB foram tirados da página World Development Indicators do Banco Mundial.

24. Vitali Silitski, “Survival of the Fittest”: Domestic and International Dimensions of the Authoritarian Reaction in the Former Soviet Union Following the Colored Revolutions”. *Communist and Post-Communist Studies*, v. 43, n. 4, pp. 339-50, 2010.

25. Karrie Koesel e Valerie Bunce, “Diffusion-Proofing: Russian and Chinese Responses to Waves of Popular Mobilizations Against Authoritarian Rulers”. *Perspectives on Politics*, v. 11, n. 3, pp. 753-68, 2013.

26. Benjamin Novak, “Ukraine War Forces Hungary’s Orban Into Political Con-tortions”. *New York Times*, 27 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/09/11/world/europe/viktor-orban-european-peoples-party.html>>.

27. “Russia Says China Refuses to Supply Aircraft Parts After Sanctions”. *Reuters*, 10 mar. 2022.

28. “EU Rolls Out Plan to Cut Russia Gas Dependency This Year”. *Reuters*, 8 mar. 2022.

29. David Von Drehle, “Opinion: The Xi-Putin Bromance Is Surely on the Rocks”. *Washington Post*, 8 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2022/03/08/china-russia-xi-jinping-rethinking-putin-bromance>>.

30. Geoffrey Pridham (Org.), *Encouraging Democracy: The International Context of Regime Transition in Southern Europe*. Leicester (Reino Unido): Leicester University Press, 1991.

*Plataforma Democrática* ([www.plataformademocratica.org](http://www.plataformademocratica.org)) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

### **As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:**

#### **Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EstadoDemocracia>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CambiosGeopoliticos>

#### **Meios de comunicação e Democracia:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#MediosComunicacion>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EnsaioDemocracia>

#### **Sociedade civil e democracia:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CohesionSocial>

#### **Bibliotecas virtuais:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca-sociedade>

#### **Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:**

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#RecursosPesquisa>